

Laboratório de docências contemporâneas: um espaço experimental e experiencial de (de)formação*Laboratory of contemporary teaching practices: an experimental and experiential training space*Elí Terezinha Henn FABRIS¹Viviane Catarini PAIM²Luciane Frosi PIVA³Eduarda SEBASTIANY⁴

Resumo: Neste texto, apresentamos um recorte de uma pesquisa mais abrangente que utiliza como conceito teórico-metodológico a pesquisa (de)formação, integrada a um espaço potencial para esse tipo de formação – um laboratório – com experimentos e experiências na área da Educação. O objetivo é descrever e analisar parte do trabalho desenvolvido a partir de uma pesquisa aprovada pelo CNPq (2021-2024). A pergunta investigativa que norteia este trabalho é: *De que forma os professores se posicionam como pesquisadores em um laboratório de docências?* O percurso metodológico engloba a criação de um Laboratório de Docências Contemporâneas (LABDOC), desenvolvido entre os anos de 2021 e 2023, com grupos específicos de professores atuantes em escolas da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de São Leopoldo, coordenados por pesquisadores da Universidade. O LABDOC consolidou-se como um espaço de experimentação, experiências coformativas e de exercício da artesanaria docente, pela criação, pelo ensaio e pela experiência, em que foi possibilitado aos professores exposição de suas práticas e suas caixas de ferramentas e, por isso, os participantes foram concebidos também como pesquisadores. Como resultados, identificamos que um dos objetivos da pesquisa mais abrangente foi alcançado, quando os professores reafirmam que o LABDOC foi um espaço para (de)formar e coformatar. Ademais, apontamos que os professores se posicionam como pesquisadores quando conseguem exercer a crítica em uma perspectiva de formação como (de)formação, realizando experimentos e experiências com ferramentas do LABDOC e, assim, justificando suas escolhas, criando outros modos de ser docente e outras potências para suas docências.

Palavras-chave: Laboratório de Docências; (De)Formação; Docências; Experiência coformativa; Experimentação.

LABORATORY OF CONTEMPORARY TEACHING PRACTICES: an experimental and experiential training space

Abstract: This text presents a section of a broader research that uses the concept of (de)formation research as its theoretical-methodological approach, integrated into a potential space for this type of training – a laboratory – with experiments and experiences in the field of Education. The objective is to describe and analyze part of the work developed from a research project approved by CNPq (2021-2024). The investigative question guiding this work is: *How do teachers position themselves as researchers in a teaching practices laboratory?* The methodological approach includes the creation of a Laboratory of Contemporary Teaching Practices (LABDOC), developed between 2021 and 2023, with specific groups of teachers working in Basic Education schools of the Municipal Education Network of São Leopoldo, coordinated by university researchers. LABDOC has established itself as a space for experimentation, co-educational experiences, and the exercise of teaching craftsmanship through

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil, efabris@unisinos.br.

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil, vcatarinip@gmail.com.

³ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil, luci.piva@gmail.com.

⁴ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, sebastiany.eduarda@gmail.com.

creation, trial, and experience, where teachers were able to present their practices and their toolboxes. Therefore, participants were also conceived as researchers. As results, we identified that one of the objectives of the broader research was achieved, as teachers reaffirm that LABDOC was a space for training and co-educational experiences. Furthermore, we note that teachers position themselves as researchers when they are able to exercise critique from a training as (de)formation perspective, conducting experiments and experiences with LABDOC tools, thus justifying their choices, creating new ways of being teachers and other potentials for their teaching practices.

Keywords: Teaching laboratory; Training; Teaching; Co-educational experience; Experimentation.

LABORATORIO DE DOCENCIAS CONTEMPORÁNEAS: un espacio experimental y experiencial de (de)formación

Resumen: Este texto presenta un recorte de una investigación más amplia que utiliza como concepto teórico-metodológico la investigación (de)formación, integrada en un espacio potencial para este tipo de formación: un laboratorio, con experimentos y experiencias en el área de la Educación. El objetivo es describir y analizar parte del trabajo desarrollado a partir de una investigación aprobada por el CNPq (2021-2024). La pregunta investigativa que guía este trabajo es: ¿De qué manera los profesores se posicionan como investigadores en un laboratorio de docencias? El recorrido metodológico abarca la creación de un Laboratorio de Docencias Contemporáneas (LABDOC), desarrollado entre los años 2021 y 2023, con grupos específicos de profesores que trabajan en escuelas de Educación Básica de la Red Municipal de Enseñanza de São Leopoldo, coordinados por investigadores de la Universidad. El LABDOC se consolidó como un espacio de experimentación, experiencias co-formativas y de ejercicio de la artesanía docente, mediante la creación, el ensayo y la experiencia, en el cual se permitió a los profesores exponer sus prácticas y sus cajas de herramientas, y por eso, los participantes también fueron concebidos como investigadores. Como resultados, identificamos que uno de los objetivos de la investigación más amplia fue alcanzado, cuando los profesores reafirmaron que el LABDOC fue un espacio para (de)formar y co-formar. Además, señalamos que los profesores se posicionan como investigadores cuando logran ejercer la crítica en una perspectiva de formación como (de)formación, realizando experimentos y experiencias con las herramientas del LABDOC y, así, justificando sus elecciones, creando otras formas de ser docentes y otras potencias para sus prácticas docentes.

Palabras clave: Laboratorio Docente; (De)Formación; Enseñanza; Experiencia coformativa; Experimentación.

COMO CONSTITUÍMOS O LABDOC

Iniciamos este texto com algumas indagações. Haveria um espaço que potencializasse a formação de professores? Como seria esse espaço? Estudos de autores como Nóvoa (2023), Masschelein e Simons (2014), Larrosa (2018; 2022), entre outros, têm nos indicado várias respostas para essa questão, mas confluem para a relação universidade e escola, com ênfase na valorização desta instituição como espaço importante para a formação. Neste texto, apresentamos uma investigação que utiliza como conceito teórico-metodológico a pesquisa (de)formação (Fabris, 2020), que mobiliza todas as ações. Isso significa um modo de pensar-fazer pesquisa de natureza participativa, formativa, colaborativa e de intervenção que trabalha

com professores, integrada a um espaço potencial para esse tipo de formação – um laboratório – com experimentos e experiências na área da Educação.

Para Masschelein (2014), é importante conceber a filosofia da educação como um laboratório, que se define como um espaço que concebe a prática em termos de experimentação, de ensaios, de tentativas, de exercícios. O laboratório “[...] oferece as condições para o desenvolvimento de um *ethos* filosófico como um *ethos* atento e experimental” (Masschelein, 2014, p. 22, grifo do autor). Temos nos apropriado da ideia desse autor para pensar a implantação de um laboratório de docências, espaço consolidado pela pesquisa de Fabris (2020) e que opera com a concepção de pesquisa (de)formação.

Com base nisso, nosso objetivo é descrever e analisar parte do trabalho desenvolvido a partir de uma pesquisa aprovada pelo CNPq (2021-2024), intitulada *A produção de docências contemporâneas: A experiência coformativa entre professores e futuros professores em tempos de Covid-19*. No recorte selecionado para este trabalho, buscamos responder à seguinte pergunta investigativa: *De que forma os professores se posicionam como pesquisadores em um laboratório de docências?*

Como espaço empírico, a pesquisa mais abrangente consolidou o Laboratório de Docências Contemporâneas (LABDOC), lugar de experimentação e experiências coformativas, com a participação de pesquisadores⁵ das Escolas (professores e gestores da Rede Municipal de Ensino de São Leopoldo – RS) e pesquisadores da Universidade (pesquisadores colaboradores, bolsistas de iniciação científica, mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos).

Entendemos a coformação como ferramenta que intensifica todo o processo formativo, mobilizando “[...] uma operação que demanda envolvimento dos sujeitos em formação, tanto dos que são responsáveis por ela, quanto daqueles que já estão atuando na profissão” (Bahia, 2017, p. 81). Isso significa que a experiência coformativa compreende uma possibilidade de trabalho colaborativo e ético entre sujeitos que partilham um espaço comum e sentem-se pertencentes a ele.

O Laboratório, além de promover a formação dos participantes, pelos pressupostos da criação e da artesanania docente, possibilitou analisar práticas pedagógicas e coformativas que podem integrar a “caixa de ferramentas” dos professores (Fabris, 2020). Apoiadas em Sennett (2021), entendemos a artesanania como criação, autoria e engajamento nas docências, sem seguir ou copiar modelos, uma individualidade que confere o caráter próprio de um trabalho bem feito,

⁵ Ao serem convidados a participar deste trabalho em laboratório, concebemos os professores como pesquisadores, considerando todos partícipes e colaboradores ativos do processo formativo.

semelhante aos artífices, em uma conexão permanente entre mão e cabeça, pensamento e ação. A caixa de ferramentas é entendida como o repertório cultural que se produz pela formação, como recurso teórico-metodológico para criar e experienciar outros modos de agir, podendo mobilizar a docência, de acordo com cada contexto e condições.

No LABDOC, temos usado os conceitos de *experimentos* e *experiências* para marcar as operações que realizamos. Para Larrosa (2002, p. 25), “A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental)”, por isso, define-se como “[...] um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”. Portanto, “[...] aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma” (Larrosa, 2002, p. 26). Segundo o autor, a experiência é o que nos chega, o que nos toca, o que nos afeta.

No entanto, o próprio Larrosa (2022)⁶ altera seu entendimento de experiência em outro texto, quando diz que entende que a experiência não pode ser apenas transformação do sujeito, mas precisa ser vivida como um compromisso com o mundo. Estaria aí essa experiência substantiva, que olha com atenção para o contexto, o outro, o mundo e não se isola em atitudes, pensamentos e ações egoístas e individualizantes. No LABDOC, temos desafiado o grupo a prestar atenção ao mundo e, a partir dessa atenção, criar sua forma de viver e experienciar a própria docência.

Experiência nos faz selecionar o que vamos viver, mas também como vamos vivê-la com nossas crianças e estudantes. Portanto, a experiência continua sendo uma expressão polissêmica, mas que, para nós, além disso, é complexa como a própria docência. Exercitar e operar as ferramentas para viver a experiência docente será sempre um desafio.

Para Dewey (1979, p. 16), toda experiência tem seus resultados, mas nem todas se apresentam como educativas, pois vai depender de cada experimento vivido. De acordo com o autor, “Não basta insistir na necessidade de experiência, nem mesmo em atividade do tipo de experiência. Tudo depende da qualidade da experiência porque se passa”. As experiências devem enriquecer outras futuras, pois “Independentemente de qualquer desejo ou intento, toda experiência vive e se prolonga em experiências que se sucedem”.

Nessa perspectiva, cada experiência é um acontecimento único, por isso, cada vez que é repetida, vai somando compreensões, sensações e conhecimentos, dependendo da ampliação de mundo e do repertório cultural. Envolve não só a cognição, mas emoções, sentimentos e habilidades, tais como observação, análise, síntese e todas as que colaborem para a experiência

⁶ Em livro escrito por Jorge Larrosa e Karen Rechia.

ser explicada e repetida, embora, nunca da mesma forma, já que “[...] o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (Larrosa, 2002, p. 27).

Nesse sentido, o Laboratório, como espaço de criação e experimentação, é onde “[...] se colocam as docências e todos os processos que as constituem no contemporâneo para serem experimentados, analisados e colocados em espaço público [...]” (Fabris, 2020, p. 13). Tudo isso a fim de produzir as experiências de cada professor-pesquisador, para que possam ser vividas e envolvam uma continuidade, um pensamento e criação, um fazer e refazer.

Experimento é entendido como escolha ou foco do professor – definido em Laboratório – em relação ao que compartilhar da sua ação pedagógica, em formato de registros escritos ou fotográficos das ações e vivências com as crianças e estudantes, de propostas realizadas, de situações cotidianas, ou ainda, de algo potente e, a partir das ferramentas do exercício do pensamento e da crítica radical, lançar uma lente caleidoscópica coformativa e coletiva para estranhar, mudar, transformar, manter e, talvez, desnaturalizar certas verdades ou criar outras potencialidades de transformação de e para as suas docências.

A partir dessa premissa, nos experimentos do LABDOC, mobilizamos diferentes ferramentas durante as experiências coformativas. No caso, a experiência docente só ocorre quando o professor levar tais experimentos para criar e operar com eles na sua docência.

Percurso teórico-metodológico da pesquisa (de)formação

A primeira etapa da pesquisa (de)formação ocorreu a partir de um questionário on-line enviado a 20 escolas do município de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Com ele, obtivemos 109 respostas de professores atuantes na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Essas narrativas iniciais nos deram indícios de algumas necessidades, fragilidades e potências das docências desta rede e nos possibilitaram delinear a etapa subsequente da pesquisa, que foi a consolidação do LABDOC.

Ressaltamos que, naquele momento em que vivenciávamos mais fortemente a pandemia da Covid-19, em que as escolas foram fechadas e o isolamento social se tornou necessário, as respostas dos professores no questionário evidenciaram fragilidades no acompanhamento dos estudantes (crianças e adolescentes) de forma remota, produzindo inúmeras dificuldades, tais como manter contato com alunos e suas famílias, ministrar aulas on-line, acessar as atividades realizadas pelos estudantes e realizar o acompanhamento do processo de aprendizagem, bem como as formas de avaliação.

Além disso, a necessidade da troca entre pares, no sentido de espaço para a continuidade dos seus processos formativos, apareceu nos relatos dos professores, que tiveram de criar estratégias para isso acontecer, pois não eram oportunizadas iniciativas dessa natureza no interior da escola. A partir disso, como pesquisadores, compreendemos como necessidade a criação de espaços de coformação com os colegas, de modo que buscamos criar essa proposta no Laboratório. Dentre outros apontamentos dos professores, estavam as dificuldades quanto ao uso das tecnologias. Sobre esse tópico, os professores afirmaram não ter recebido apoio formativo.

Ademais, os professores apontaram o desafio do retorno às aulas presenciais, somado à insegurança e à angústia de como receber os estudantes, considerando os possíveis abalos emocionais provocados pela pandemia e, conseqüentemente, pelos modos de vida no período do isolamento social. Além disso, a organização curricular, a avaliação das aprendizagens e o resgate dos estudantes que não conseguiram acessar as atividades na pandemia ou não tiveram acesso às aulas on-line.

Ficamos surpresos com a quantidade de respostas que obtivemos, além de relatos muito respeitosos e dos desejos de que fosse realizada uma docência competente, mesmo com tantas adversidades que a pandemia impunha naquele momento. Também vimos professores interessados em viver experiências e trocas – foi um movimento de intercâmbio entre universidade e escola.

Após o questionário prévio, em que buscamos entender o contexto das escolas e professoras, conversamos com a equipe gestora de cada instituição e explicamos sobre o desenvolvimento da pesquisa. Enviamos um vídeo-convite para que os gestores o encaminhassem aos professores por meio de seus grupos de *WhatsApp*. Junto a esse convite, disponibilizamos também um questionário de inscrição.

Desde o início de 2021, em um trabalho de estudo e discussão, trabalhamos o espaço formativo de maneira colaborativa, envolvendo a coordenadora e o grupo de pesquisadores da Universidade. A criação do LABDOC foi um processo experimental, pois exigiu que nos afastássemos da estrutura rígida de um curso tradicional, com posições definidas, pautas organizadas e encontros pré-estabelecidos. As reuniões semanais do grupo de pesquisa desempenharam um papel crucial na formulação de estratégias para tornar possível nossa proposta de formação pela (de)formação, sem deixar de considerar o que evidenciamos no questionário.

Então, no ano de 2022, implementamos o LABDOC com três grupos específicos, divididos por etapa da Educação Básica: Educação Infantil (EI), Anos Iniciais do Ensino Fundamental (AIEF) e Anos Finais do Ensino Fundamental (AFEF). Cada grupo reunia-se em uma sala virtual para viver o encontro de (de)formação em seus múltiplos aspectos, que envolveram estudo, exposição, discussão, reflexão e um encontro pedagógico intencional entre um coletivo de pesquisadores.

No ano de 2022, realizaram-se sete encontros síncronos quinzenais, com duração de duas horas cada um, entre os meses de abril e julho. Os encontros aconteceram por grupos específicos, em que cada um deles era coordenado por um ou dois pesquisadores da Universidade. No total, contamos com a participação de onze professores.

Em 2023, em continuidade ao LABDOC, agregamos mais um grupo específico – o dos Gestores. No ano anterior, o LABDOC contou com a participação de diretores, vice-diretores, coordenadores pedagógicos das Escolas e assessores pedagógicos da Secretaria Municipal de Ensino, porém eles se distribuíram nos diferentes grupos específicos conforme sua atuação. Nessa ocasião, observamos que os gestores necessitavam discutir outras temáticas, tendo em vista as funções que executavam. Ademais, também percebemos que alguns professores não se sentiam à vontade para expor suas práticas por conta da presença dos gestores em seus grupos.

Em relação aos ajustes feitos, modificamos a forma de trabalho com os participantes, em relação à periodicidade dos encontros e à sua modalidade, pois tínhamos como intuito uma maior participação. Além disso, gostaríamos de trabalhar mais intensamente com as ferramentas com as quais operamos e as especificidades de cada grupo.

Inicialmente, optamos por realizar encontros mensais, levando em consideração a complexidade do trabalho docente e as diversas demandas da profissão, que exigem mais tempo para atividades como planejamento e organização, para além da sala de aula. Decidimos também incluir alguns encontros presenciais na Universidade. O cronograma original previa sete encontros, de março a outubro, com um deles em formato presencial. No decorrer do semestre, adicionamos outro encontro presencial, totalizando oito encontros nesta fase.

Também optamos por mudar a metodologia, de modo que a organização passou a ser: cada encontro contava com uma hora de discussão de uma temática comum a todos os grupos específicos, coordenados pelos pesquisadores da Universidade. Todos os grupos permaneciam e participavam juntos. Após, cada grupo reunia-se separadamente, em um encontro com duração de uma hora e meia, para aprofundamento do encontro geral, de acordo com suas

especificidades, direcionando as discussões para os experimentos e temáticas próprias de cada grupo.

Com essas mudanças, observamos um aumento no número de professores-pesquisadores participantes do LABDOC, em um total de vinte e cinco participações. É possível dizer que houve um processo de maturação e de (de)formação, tanto dos pesquisadores da Universidade quanto dos professores-pesquisadores das Escolas, no que compete à compreensão desse espaço como um lugar de questionamentos, de abertura às experiências coformativas e aos experimentos de diferentes formas, mas com rigor e ética, fixando pressupostos teórico-metodológicos no tratamento dos experimentos. Podemos dizer que, nesta fase, investimos mais na intervenção pela pergunta, pelos questionamentos, pelo uso de diferentes ferramentas e nos espaços de espera para as respostas, para ouvir mais os pesquisadores da Escola e com eles construirmos outras abordagens e entendimentos, sempre junto *com* eles.

Além da ocorrência dos encontros, contávamos com o recurso do ambiente virtual *moodle*, que tinha como objetivo: i) postagem de materiais complementares (textos, materiais audiovisuais, entre outros); ii) postagem das tarefas pelos professores, dentre as quais podemos citar os experimentos que cada professor executava em sua escola e trazia para o Laboratório, colocando em movimento uma atitude (*ethos*) experimental de suas docências.

Para Masschelein (2014, p. 23), um *ethos* experimental é “[...] a arte de tornar algo capaz de aparecer e se transformar em alguma ‘coisa’ (algo que nos preocupa, e que começa a significar ou exprimir) que não apareceria sem este trabalho”. Portanto, essa atitude de experimentação, em uma concepção de formação como (de)formação, demanda expor-se no coletivo, que, para Masschelein (2014, p. 24), é exercício do pensamento, o que significa “[...] ver, esclarecer, trazer à baila, penetrar, convidar, inspirar, experimentar [...]”, o que entendemos como fundamental para pensar e criar as docências contemporâneas.

Posicionamentos dos professores como pesquisadores

Para este estudo, como material empírico, utilizamos as narrativas produzidas nos encontros de (de)formação e realizamos as análises a partir da ferramenta da crítica radical (Foucault, 2004), ou hipercrítica (Veiga-Neto, 2016). Para isso, utilizamos estudos sobre educação e docências contemporâneas e formação de professores, com base em autores como:

Jan Masschelein e Maarten Simons, Gert Biesta, Alfredo Veiga-Neto, Richard Sennett, António Nóvoa, entre outros.

Identificamos que um dos objetivos⁷ da pesquisa mais abrangente foi alcançado, quando os professores reafirmam que o LABDOC foi um espaço para (de)formar e coformar, conforme as narrativas que apresentamos a seguir.

Eu acredito que, na partilha, nossa prática se torne ainda mais reflexiva. Quantas vezes uma pergunta responde mais que uma resposta? Ao trazermos essas partilhas, os planejamentos, os fatos vivos do cotidiano da escola, nas noites de segundas-feiras, recebemos ombros amigos para os desabafos, mas, acima de tudo, recebemos o ombro amigo que questiona. Digo amigo, pois nunca foi num tom de crítica, mas de pensar junto, aquele tom de “já estive numa situação assim”, “quem sabe por esse caminho consiga algum resultado”. [...] Desafiada pelo laboratório e por tantos outros espaços de coformação, me sinto motivada a seguir vivenciando o estudo, o comprometimento, o sentimento de querer dar o meu melhor dentro do possível e me tornar a professora que quero ser, que independentemente do formato do planejamento, se dedica, se questiona, se posiciona eticamente com sua profissão, mas principalmente, com os seres humanos que passam por mim. Daí eu fiz um agradecimento. Obrigada aos dias que não me disseram “faça isso ou aquilo”, mas me ouviram chorar. Obrigada por serem efetivamente um laboratório de docência [...] (PPEI6⁸).

Fonte: Material da Pesquisa – narrativa de uma professora da EI (2022, grifo nosso).

Nessa manifestação da professora pesquisadora (PPEI6), percebemos como conseguimos manter um clima de confiança entre os colegas pesquisadores da Escola e os pesquisadores da Universidade. A professora, em seu depoimento, relata o sentimento de ter sido acolhida e de ter recebido um posicionamento crítico e, ao mesmo tempo, respeitoso, sem imposição de verdades, mas que a fez pensar no que faz e por que faz do modo que faz, com a consciência de que na docência não existem receitas.

O que tentamos pensar juntos no LABDOC, configurando-o como um espaço de experimentação, de exercício da arte da docência pela criação, pelo ensaio e pela experiência, foi possibilitar que as professoras expusessem suas caixas de ferramentas – justamente o que a professora aponta como pontos importantes de seu percurso de participação nos encontros. Além disso, a professora parece compreender o processo formativo vivido como necessidade

⁷ Estamos nos referindo a este objetivo em específico: Analisar, no espaço do laboratório de docências contemporâneas, por meio de experiências coformativas, a) narrativas de docências desenvolvidas nas escolas e no curso de formação; b) planejamento e aspectos teórico-metodológicos para o ensino e a aprendizagem; e c) experimentação de práticas pedagógicas na arte da docência de outras formas e modos de exercer as docências.

⁸ Como procedimento ético de pesquisa, os professores pesquisadores do LABDOC foram identificados por um código. Os excertos são transcrições das narrativas dos encontros organizados pela pesquisa mais ampla.

em sua docência, como compromisso com a sua própria constituição profissional, no seu envolvimento e dedicação ao como se pergunta sobre sua docência.

Ademais, sua fala destaca o quanto ser professora exige estudo para fazer o trabalho bem feito. Todo esse contexto é um processo que entendemos existir na docência. Inspirados no conceito de artesanania e na habilidade artesanal de Sennett (2021), entendemos que esse movimento envolve um conhecimento e um sentido crítico do saber-fazer, como os artífices.

Compreendemos que, na constituição da docência, o conceito de artesanania se torna vivo quando é possível a autoria docente (Fabris; Sebastiany, 2022) e na ampliação de repertório para exercê-la. Aspecto esse que buscamos proporcionar no Laboratório, planejando pautas em que a arte se fizesse presente, a literatura fosse compartilhada, o acolhimento acontecesse em cada fala ou situação relatada. Ademais, proporcionando que o compartilhamento de experimentos e experiências ampliasse e transformasse a ação pedagógica com as crianças e estudantes, eis a (de)formação pela coformação.

Se a gente está vazio, o que que a gente vai ensinar? E eu queria isso, assim, um espaço onde a gente pudesse ouvir, pudesse estar, pudesse partilhar experiências, pudesse refletir sobre. [...] Eu quero que a minha vivência seja acolhida também, eu quero que as experiências que eu vivi, sejam elas do senso comum, sejam elas padrão, sejam elas disruptivas, mas acho que elas precisam andar junto comigo, assim. [...]. E eu me senti bem contemplada (PAIEF22).

Fonte: Material da Pesquisa – narrativa de uma professora dos AIEF (2023, grifo nosso).

O ambiente me proporcionou uma liberdade para relatar minhas angústias e acertos com dicas, as quais fizeram eu me questionar sobre como melhorar, ou seja, não davam o peixe e sim mostrava como pescar; e o melhor, me instigaram e faziam eu encontrar soluções que eu tinha e não enxergava. [...]. Ao pensarmos sobre os desafios que encontramos em nossa realidade escolar e o que construímos aqui no LABDOC, acabamos nos questionando, revendo algumas percepções, deformando crenças antigas e formando novas posturas, mais coerentes com o que nos deparamos no momento presente (PAFEF3).

Fonte: Material da Pesquisa – narrativa de uma professora dos AFEF (2023, grifo nosso).

A partir das narrativas, observamos que o Laboratório proporcionou troca e partilha e, da mesma forma, abriu espaço para questionar as certezas e verdades cristalizadas sobre as práticas pedagógicas. Com isso, possibilitou que cada professor-pesquisador pudesse olhar para suas docências, apoiados em experiência coformativa, sem julgamentos ou indicações do que

fazer em sua docência, mas a partir de exercício do pensamento, das provocações do Laboratório e daquilo que eles mesmos traziam de suas práticas docentes, já que

[...] a experiência coformativa envolve uma atitude, um desejo de pertencimento a uma comunidade formativa, aqui, referindo-se aos profissionais da Educação que desejam partilhar e receber conhecimentos pedagógicos, conhecimentos teórico-práticos que são inseparáveis da ação pedagógica (Bahia; Fabris, 2021, p. 202).

Da mesma forma, questionar o presente é colocar-se em experiência, experimentando, provando aquilo que, no contemporâneo, não conseguimos, tendo em vista a rapidez e a busca de uma produtividade que engole o tempo, imersa a uma racionalidade neoliberal. Para Nóvoa (2022, 2023, p. 39), “A educação precisa da calma do tempo, com movimento”.

Por isso, uma formação como (de)formação, em laboratório, é ser capaz de ser tocado e afetado, em uma relação com aquilo que provamos, que forma e nos transforma, em comprometimento com o mundo, como afirma Larrosa (2002). É colocar em ação o *ethos* experimental, trazendo à pauta aquilo que nos preocupa e começa a ganhar outro sentido (Masschelein, 2014).

Passei nove anos longe das salas de aula enquanto docente, cumprindo outro papel na educação. Retorno à sala de aula depois desse hiato, uma pandemia, implantação de uma BNCC, numa escola nova. Eu também mudei depois deste período. Não apenas pelo tempo, mas como resultado das interações e aprendizagens ao longo deste tempo. A leveza provocativa do LABDOC se somou a esse período mutante que tem sido este ano. Um grupo diverso de docentes interagindo de forma síncrona e assíncrona nos encontros mensais. A instrumentalização agudamente inspiradora fornecida ao longo do tempo encontrou em mim a docente que eu quero ser. Este é o momento em que penso que a proposta do LABDOC cumpre seu papel me (de)formando. E enquanto eu me (de)formo, vou ampliando o olhar e busco tanto em mim quanto nos estudantes e crianças pelos quais estou responsável por atender no tempo das disciplinas pelas quais sou responsável (PAFEF9).

Fonte: Material da Pesquisa – narrativa de uma professora dos AFEF (2023, grifo nosso).

Portanto, é possível dizer que os professores se posicionam como pesquisadores quando conseguem, a partir de seus próprios modos de ser docente, exercer a crítica, identificando novas posturas e novos fazeres em suas docências. Para Veiga-Neto (2016, p. 25), esse movimento, que ele chama de hiper crítica, implica “[...] desterritorializar, desfamiliarizar, levar ao estranhamento”. Compreendemos que nesse deslocamento, ao estranhar e desfamiliarizar seus modos de ser docente, (de)formações são produzidas, já que, para o mesmo autor, “Inclui-

se, nesses alcances da hipercrítica, a possível – e quase sempre desejável... – transformação de nós mesmos” (Veiga-Neto, 2020, p. 30).

Transformações e novos movimentos

Concluimos que o LABDOC pode ser considerado um espaço potencial para a formação, porém, por si só, não garante a (de)formação. Esse é um exercício que precisa ser realizado por cada sujeito participante ao adotar uma postura ativa, em que todos e cada um se engaje “[...] em um trabalho comum sobre si e sobre o outro, com finalidades comuns” (Fabris; Sebastiany, 2022, p. 70). Destacamos o quanto esse tipo de formação, em que a participação ativa dos envolvidos, a reflexão constante sobre o que é proposto e o exercício de pensamento convocados durante todo o percurso causa estranhamento e, com isso, pouca adesão.

Reiteramos que a escolha em realizar encontros presenciais, mesmo com o acordo inicial de que seriam virtuais, potencializou a relação entre professores-pesquisadores da Escola e professores-pesquisadores da Universidade, estabelecendo maior engajamento e vínculo para o expor-se e para o compartilhamento de suas docências com maior confiança. Da mesma forma, percebemos que a criação do grupo de gestores com temáticas contextualizadas teve maior adesão e envolvimento no sentido da coformação.

Elaborar um livro com os participantes do Laboratório foi um desafio que nos impulsionou desde o início da pesquisa. Assim, ao finalizar as duas fases, convidamos a todos para escrever sobre as experiências vividas no LABDOC. Nosso objetivo é tornar público e expor o que partilhamos nesse período, pois as experiências, as (de)formações, as formas de vida docentes que foram gestadas nesse espaço precisam ser compartilhadas.

As trocas de experiência são valiosas porque algo que, para alguns, pode ser corriqueiro na atuação docente, para outros, é um desafio. A elaboração do livro possibilitou registrar vivências a partir do exercício da ferramenta da escrita e autoria coletiva, consolidando um percurso registrado e publicado. O livro está em processo de finalização e será lançado ainda no ano de 2024.

A mobilização de novos movimentos para esse modo de pesquisa já está em desenvolvimento. Em continuidade à agenda de pesquisa da primeira autora deste texto, um novo projeto foi submetido e aceito, mantendo os pressupostos da pesquisa (de)formação. Nele, além da ampliação dos núcleos do LABDOC, é promovida a constituição de docências e modos de ser professor por meio da *correspondência pedagógica*.

As correspondências, consideradas uma estratégia e ferramenta teórico-metodológica da pesquisa, constituem um dispositivo para que a coformação e a autoformação se processem de maneira mais intensa. Entendemos que essa troca inicial entre pares pode desencadear relações mais próximas e afetivas; dessa forma, as trocas podem ocorrer de maneira mais livre e alavancar processos de autoformação e coformação, diferentes daqueles que ocorreram com os pesquisadores da Universidade.

Por fim, desejamos que o gérmen do laboratório possa habitar e perdurar em cada espaço de atuação dos participantes (escolas, universidades e redes públicas de educação), multiplicando e criando modos outros de criação e (de)formação em conjunto. Que a docência possa se desenvolver na relação ética com o outro e com o mundo, em um exercício coletivo voltado para a busca do bem comum.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Sabrine Borges de Mello Hetti. **A constituição do(a) professor(a) iniciante:** implicações da iniciação à docência. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

BAHIA, Sabrine Borges de Mello Hetti; FABRIS, Elí Terezinha Henn. A constituição do professor iniciante: articulação entre ética da partilha e experiência coformativa. **Textura**, [S. l.], v. 23, n. 53, p. 192-215, jan./mar. 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5806/0>. Acesso em: 14 ago. 2023.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Tradução Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

FABRIS, Elí Terezinha Henn. **A produção de docências contemporâneas:** a experiência coformativa entre professores e futuros professores em tempos de Covid-19 (2021-2024). Projeto de pesquisa do programa de pós-graduação em educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

FABRIS; Elí Terezinha Henn; SEBASTIANY, Eduarda. (Re)invenção da escola e profissão docente: desafios contemporâneos para uma escola da travessia. In: PEREIRA, Antonio Serafim (org.). **Educação no contexto que se move:** saberes, experiências e reflexões. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/educacao-contexto>. Acesso em: 3 mar. 2023.

FOUCAULT, Michel. Verdade, poder e si mesmo. In: **Ditos e escritos:** ética, sexualidade, política. v. 5. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 294-300.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 set. 2024.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos, SP: Pedro e João, 2022.

MASSCHELEIN, Jan. Filosofia como (auto)educação para fazer a voz do pedagogo ser ouvida. *In*: MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **A pedagogia, a democracia, a escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

NÓVOA, António. **Professores**: libertar o futuro. São Paulo: Diálogos Embalados, 2023.

SENNETT, Richard. **O artífice**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. A hipercrítica: mais uma volta no parafuso IV. **Momento**: diálogos em educação, Rio Grande do Sul, v. 29, n. 1, p. 16-35, jan./abr., 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/9691>. Acesso em: 26 ago. 2024.